

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NO VASTO PANORAMA DA TRADIÇÃO HISTÓRICA DE GUIMARÃES. UMA CENTÚRIA DE LABOR COMERCIAL NA MESMA FAMÍLIA.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1942 | Número: 52

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, No vasto panorama da tradição histórica de Guimarães. Uma centúria de labor comercial na mesma família. *Revista de Guimarães*, 52 (3-4) Jul.-Dez. 1942, p. 257-268.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

No vasto panorama da tradição histórica de Guimarães -- uma centúria de labor comercial na mesma família

(Continuação de pág. 80)

Aqui temos o que em cotio diário comercial se designa ainda como a *costaneira dos lançamentos*: um livro de papel almasso, grosso, sem linhas, mas pautado verticalmente a lápis para a data e a quantia, com sua capa de carneira, que deve ter sido avermelhada, o atilho de coiro, e, nela, o título (22)

B O R R
A D O R — 1.º
1 8 3 9

confirmado na inscrição cimeira da página de rosto

1 8 3 9 —

Borrador primeiro
de Antonio Joze Vieira da Costa
e tem seu principio em Março
de 1839 ==

E' de 4 de Março, efectivamente, o primeiro lançamento:

| | | |
|-------|---|-------|
| | Guim. ^{es} 4 de M. ^{so} de 1839 | |
| Villa | D. ^e O Ill. ^{mo} Snr. Gaspar que foi do Corr. ^o e sua m. ^{er} D. Roza m. ^{or} na Rua do Carmo — Resto de fazenda p. ^a huma Calça | \$510 |
| | Recebi em Outubro de 1839 | \$480 |
| | não o Recebi | \$030 |

Ou seja: houve o prazo de sete meses — para 510 réis e ainda o *abatimento forçado* de 30 réis...

Ao lado esquerdo da página, o mercador apontava a localidade do freguês:

| | | | | |
|-----------------|---|-----|--|--------|
| S. Martinho | do Campo da | | | |
| Povoa | D. ^e Francisco de Campos e m. ^{er} | | | |
| | Maria Joaq. ^{na} Alf. ^e do lugar da Bouça | | | |
| | 12 de Saragoça p. ^a capote | 310 | | 3\$720 |
| | 1 de Baeta crepe | | | \$700 |
| | | | | 4\$420 |
| | Recebi logo | | | 2\$400 |
| | Recebi em Dezembro | | | 2\$020 |
| Villa | D. ^e Maria Joze Carneiro m. ^a a Madroa | | | |
| | emporte de hum Retrós | pg. | | \$060 |
| V. ^a | O Snr. Domingos Gls Pereira | | | |
| | meu Senhorio | | | |
| 9 = | 2 de ganga da India p. ^a mandar | | | |
| | p. ^a Barrozo | 120 | | \$240 |
| Pevidem | D. ^e João Tirano Peixeiro | | | |
| | 1 Avantal | pg. | | \$195 |

A loja estava muita afreguesada com alfaiates — ou não fôra ela de mercador e do *Mercador do Poço*, com nome limpo e clara reputação de honestidade —: já vimos o Campos, da Bouça, e aqui temos o José Inofre, do Cruzeiro do Toural; o Pedro, do Picôto, que trabalhava para o Visconde da Azenha; o José Carneiro, às Molianas; o José de Oliveira, do lugar da Estrada, em Polvoreira; o José Pita, da Rua Sapateira; o Francisco da Silva Monteiro, «que trabalha por sima de Custodio Barbeiro, — *o Fruta*» —; o Manuel de Oliveira, do Bacêlo, em S. Martinho de Candoso; o João Vieira, das Casas Novas, em Vila Cova; o António de Gondomar, que morava nos Palheiros; o Manuel Pereira, do lugar de Lubarim, em Lordelo; o Manuel José, do Rebordêlo, em Ruvães; o Jacinto Queiroz, do Lugar do Cadiado, S. Veríssimo de Lagares, que pediu ao bom do mercador 480 réis para ir à Senhora do Pôrto (de Ave); o Custódio José Mendes, de Souto de Ribas, em Corvite e outro Custódio, que morava com a cunhada, na casa da Silva, em S. João de Ponte; o Joaquim, al-

faiate, irmão do João (Teixeira da Silva, de Aldão), alfaiate, de S. Romão de Mesão-Frio; o Salgado, da Rua Nova; o Raimundo, da Rua de Gatos; o Rodrigo António da Silva, que tinha venda no lugar da Ribeira, em S. Pedro do Bairro, Têrmo de Vila Nova; o António Pereira, do lugar do Penso, em Guardizela; o Joaquim Dias Machado, do lugar do Monte, em Lordelo; o Joaquim António Abreu, de Paredes, em S. Tiago da Carreira; um José, que era manco de uma perna e morava acima da quinta do Salgueiral; o João Francisco, alfaiate de roupa feita, de Golães; o José António Soares, morador nas *Laijas*, *Laijes* ou *Lajes* (de tôdas estas formas é mencionado, em diversos lançamentos); o Manuel Ferreira, de Ventozela, Mogege; o João Pereira Caldas, do lugar da Lameira, em S. Miguel das Caldas; um Fernando, da Rua Travessa; o Manuel de Oliveira, do Lugar do Rebôto, em S. Martinho de Candoso, onde havia ainda, no lugar da Pipa, o João de Abreu; o João da Silva, da Tugila, em S. Miguel das Aves; o *Farelo*, da Rua de Mata-Diabos; o João Baptista, músico e alfaiate, das Gaias, em S. Martinho de Sande; o Crispim da da Costa, do lugar da «Excurregadoura», em S. Martinho do Campo de Negrelos; o António Inácio, do lugar do Carvalho do Minho, em S. Jorge de Selho...

Para aquele tempo e género de comércio, o estabelecimento granjeara larga clientela, tanto na Vila, como nas freguesias do Têrmo, e até noutras, donde vinha gente ou encomendas. Aparecem várias transacções feitas com diversos clientes de — Pombeiro, Infias, S. Clemente de Sande, S. Vicente de Oleiros, S. Miguel de Creixomil, Santa Maria do Souto, S. Cristóvão de Cima de Selho, Golães, Santa Cristina de Arões, Joane, S. Jorge de Selho, Ruiivães, S. Martinho do Conde, S. Mamede de Vermil, Silvares, S. Martinho de Leitões, S. Tiago de Ronfe, Santa Comba de Fornelos, Santa Maria de Guardizela, S. Miguel das Aves, Lordelo, S. Vicente de Passos, S. Torcato, S. João de Passos, S. Torcato, S. João de Airão, Negrelos, S. João de Ponte, S. Miguel das Caldas, S. Mart.º de Candoso, Sendim, Santa Eulália de Fermentões, Cepães, Corvite, Vila Nova de Sande, Vila Cova, Azurém, Urgeses,

Margaride, S. Tiago da Carreira, Gonça, S. Pedro de Freitas, Atães, Refojos de Basto, Pinheiro, Santa Leocádia de Briteiros, Abadim de Basto, Serafão, S. Pedro do Bairro — Têrmo de Vila Nova, S. Salvador da Gandarela, Gominhões, S. Tomé de Caldelas, Ponte de Serves, Pousada de Saramagos, Pico de Regalados, Seleiros — Têrmo de Braga, Gêmeos, Santa Cristina de Longos, Santo Emilião de Douim, S. Tiago de Castelões, Gondar, Delães, Reboredo de Salto, Serzedelo, Costa, S. Cosme da Lobeira, Balazar, S. Paio de Figueiredo, Carrazeda, Gondomar, Queimadela, Santa Maria dos Anjos, Barroso, Pedome, S. Lourenço de Calvos, Santa Olaia de Nespereira, Requião, S. Miguel do Paraíso, Moreira de Cónegos, S. Miguel de Seide, Santa Maria do Telhado...

E como êsses lançamentos abrangem o curto espaço de dois anos, verifica-se não só quanto a loja estava em preamar; e subira, mercê seguramente da lisura do comerciante em suas contas, negócio e basto fornecimento, na boa graça do povo marralhante, mas ainda como, a êsse tempo, a Vila de Guimarães era centro importante de actividade económica, com um mercado, muito principalmente a Feira do Sábado, grande e fortemente concorrido e acreditado.

E todavia estava-se em plena crise, ou em crise aguda, pois em permanente e endémica se vivera naqueles atropelados anos. À revolução Setembrista se atribuía como verdadeira causa o estado das finanças; mas as Constituintes de 37 não tomaram medidas eficazes para a debelarem, não obstante os esforços de Passos Manuel na pasta da Fazenda. No orçamento de 38 aparecia um deficit acumulado de 7.259:569\$149 rs., e, na Lei das Despesas de 38 para 39, de 2 636:493\$196 — isto mesmo depois dos recursos extraordinários autorizados na lei de 11 de Julho de 1839; e no orçamento de 40-41, o deficit era calculado em 2.283:614\$344, pelo que o Govêrno propusera várias medidas e fôra nomeada uma comissão — as comissões! — «para estudar o caso.»...

Mas o estabelecimento do *Mercador do Poço* prosperava. Ali entrava o Clero, a Nobreza e o Povo. O Povo era o forte. Os lavradores. A alma vital do Têrmo de Guimarães era a agricultura. Quando os

lavradores vinham feirar à Vila e queriam, depois, comprar um fato, um par de calças, o capote, não se esqueciam de uma visita àquela boa loja. E vinham os Abades, os Vigários, os Reitores. Também gente grada — os Fidalgos, os senhores proprietários, os homens do dinheiro. É curiosa a mescla dos nomes: o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Azenha; o Il.^{mo} Sr. D.^{or} Souto, Médico, morador a S. Domingos; Diogo da Costa Cardoso, da Casa de Travassos, morador na Rua do Gado, ao pé do Terreiro do Carmo; a senhora Rosa Maqueлина, de Mata-Diabos, *que faz barretinas*; Manuel Pereira, do lugar da Venda, em S. Jorge de Selho, *que trata de linha*; a Catarina Mendes, lavradeira, do Miradouro; o Manuel *Boticário*; a mais nova das Elias, da rua de Santa Luzia; um Manuel, de S. Martinho de Conde, *que trata de teias*; Rodrigo Soares Coelho de Barros Vasconcelos, da Casa da Carvalheda, em Armil; Manuel José Pereira, *louvado*, da rua de Gatos; os armadores — Manuel Ramos e Eugénio —, da Rua da Caldeiroa; o José Pedro, barbeiro e vendeiro, de Santa Luzia; o Pessanha, mestre de música do 18; o José Pimenta, sapateiro, e a mulher, a Maria Cozinhaeira; o Bernardo, rendeiro, da rua de Gatos; o Brigada do 18; o sapateiro gago, da Senhora da Oliveira; o Vigário de S. Martinho de Candoso; o António José, dos Pombais, fabricante; o João de Matos, negociante, do Toural; o *Cabeças*, padeiro, da rua de Gatos; Domingos Luís, barbeiro, de Trás-os-Oleiros; a Senhora Viúva, da Casa da Murça, em Silvares; a Sr.^a D. Francisca do Carmo Amorim e sua Mana, de Lordelo; José Gonçalves Basto, negociante, do Arco de Baulhe; António José Peixoto Barbosa, da rua da Cruz de Pedra; o Domingos Dias, da Casa das Chouzas, em Brito, que, tendo vindo comprar pano azul para um capote, levou emprestado o guarda-sol de sêda carmesim, que custara 4\$800, e o mandou todo estragado, dando por isso, para o consêrto, 1\$000; o sr. Leão, ourives, que comprou uma mantilha de lapim para sua senhora, por 15\$295 e por cuja ordem o mercador entregou a certa recolhida inomeada no livro, do Convento de Santa Rosa, 36\$000; o José da Silva, moleiro no rio Selho, nos moílhos da Ribeirinha na Varanda; o sapateiro da Torre Velha

que anda pelas feiras; o Padre João, de Corvite; José António Filipe, de Fafe, que trazia um filho a estudar em Guimarães por quem o solícito negociante olhava, o que lhe deve ter dado algum trabalho, pois parece que lhe era necessário ir de vez em quando a Fafe entender-se com o Pai; o Manuel José Maduro, lavrador de Atães; a D. Maria de Sá Pereira, de Santa Luzia; José António Pereira Abreu (?) Magalhães, das Chãos de Alvite, em Refojos de Basto; a Delfina e a Cecília (Sezília), padeiras, da rua de Gatos; o Bento, tamanqueiro, das Chouzas, em Brito; João de Sousa Pereira, o *Sedeveza* de S. Torcato; a filha do *Jejum* (João de Matos, linheiro, de Mata-Diabos), que morava no Salgueiral; a *Mata-Pretos*, que tem umas filhas, e mora dentro do Arco de S. Bento; o Manuel José da Silva, armador, da Caldeiroa (eram três, naquela rua!); o Sacristão das Capuchas; o *oleiro* de Trás-Gaia, *que entrou para a Bomba*; o José Lixa, da Porta da Vila; Domingos José Teixeira, da Casa da Portela, em Abadim de Basto; João *Carroto*, mesteiral, morador à esquina do Tournal; João de Abreu, mestre-escola, da rua de Gatos; o João Teixeira, Tabelião, da rua da Cruz de Pedra; o Bernardo, negociante da Madroa, que levou de empréstimo 24\$000 e deixou para garantia um dobrão de oiro de cinco moedas; o Teivão, vendeiro atrás do tanque do Tournal; José Joaquim de Carvalho e sua mulher D. Balbina Pinheiro de Lacerda, da Casa de Pousada, em S. Pedro do Bairro; o José Mico, sapateiro, da rua Travessa; a Margarida, lavandeira — “a minha lavandeira” —, do Campo da Feira; o Domingos Gômes, cutileiro, de S. Lásaro; o António, estafete novo (o almocreve Hondas), de S. Paio; João de Melo Pereira Sampaio, da rua de Santa Maria; o Abade de S. Vicente de Oleiros; a criada da Sobrinha do Padre Francisco Goia, de S. Bento; o cirurgião Francisco Augusto de Vasconcelos; Tomás de Aguiar, sapateiro, de Trás-de-S. Paio; a Sr.^a D. Antónia, do Cruzeiro do Tournal; o Diogo, seleiro, de S. Dâmaso; a Teresa, criada da *mulher que faz hóstias*, da rua Travessa; o *Sanico*, carreteiro, da Oliveira; o Prior de S. Torcato; o Francisco Machado, *brasileiro*, de Vale de Arante, em Leitões, que comprou *botões de unha* — \$055; um oficial (António Ribeiro

Callistro) das Paulas, que gastou no *capote de pano azul*, com baeta fina, lalamar, pelicão e retrós — 14\$910; José Pinto de Simões, morador às Molianas; Luís António da Silva Basto, sombreireiro, do lugar da Estrada, em S. Lourenço de Sande; Rodrigo José de Oliveira, Procurador nesta Vila; a Sr.^a Viúva das Portas, que comprou fazendas e pediu dinheiro emprestado para um filho, *que ia para o Porto*; o Bernardo, mestre sapateiro, da rua de Entre-Regatos; José da Rocha Freitas, ourives, da «Rua Çapateira», que comprou 6 1/2 de *pano azulzinho*, para o capote de sua filha, a 1\$550 — 10\$075, com 2 de veludilho preto para o mesmo a \$340 — \$680, 3,8 de retrós — \$120, 4 de fita larga a \$120 — \$480; Luís Leite de Castro, da Casa do Telhado, em Arões; a Maria Luísa, doceira, da rua Travessa; Jerónimo José Leite, guarda da Câmara; a Rosa Joaquina, tanoeira, do Campo da Feira; o Il.^{mo} Sr. D.^f (João Ferreira de Eça e Leiva) filho do Sr. D.^f Antonio Joaquim de Eça e Leiva...

Quando releio êstes nomes, tenho a impressão de que vejo as figuras ressuscitadas à luz de uma vida não distante, e, por muito distante, sempre de nós achegada e próxima, e se movem dentro das ruas e lojas, natural, isòcronamente, como o pêndulo dos relógios.

O próprio Pai veio ao estabelecimento comprar. Aqui está um lançamento de 28 de Abril daquele ano de 1839:

| | |
|----------|---|
| Lamaçais | D. ^c Antonio Joze da Costa meu Pai |
| termo de | lug. ^f da torre |
| Braga | 7 de Pano azul p. ^a vestia, e casaca |
| | e calça de Meus Irmãos 1\$850 p.g. 12\$950 |

Muito freqüentemente, as vendas eram feitas a prazo — e, por vezes, prazos largos e em prestações. Justavam de pagar em tal data, ou tanto em certo mês e o restante naqueloutro. Alguns davam abôno a essas transacções, um fiador, ou deixavam garantia. Mas, em regra, assinavam no próprio livro dos lançamentos, firmando assim uma espécie particular e característica de letra. E' curiosa esta lição prática de economia e direito comercial, porventura mais rigoro-

samente científica do que as dissertações de *Bernardakis* sobre as letras da Assíria ou as de *Macleod* à cerca da letra de *Cícero* a favor de seu filho...

| | | | |
|----------|---|-----|---------------|
| 1839 | S. Vicente de Oleiros | | |
| Abril 11 | D. ^e O S. ^r Joze Machado de Mattos da Caza da Villa da m. ^a freg. ^a — 11 $\frac{2}{3}$ de ganga azul da India | 120 | 1\$400 |
| | Botoms | | \$030 |
| | Retros | | \$125 |
| | Justou de pagar — breve — e p. berdade assignou aqui | | <u>1\$555</u> |
| | (a) Joze Machado de Mattos | | |

Às vezes era o próprio alfaiate o abonador:

| | | | |
|-------------------------------------|---|------|-----------------|
| S. Martinho do Campo da Povia | | | |
| M. ^o 25 | D. ^e o Sr. Santos Joze Lopes e m. ^{er} Theresa Lopes | | |
| N. B. | lug. ^r da Bouça | | |
| comprou fazenda | 2 $\frac{1}{3}$ de Pano — azul — Resto de Botons | 1500 | 3\$500 \$030 |
| a dinh. ^{ro} | $\frac{2}{8}$ $\frac{1}{2}$ de Retroz | | \$125 |
| em outra parte em | R. ^o em Dez. ^{bro} Athe o S. ^m Miguel | p.g. | <u>3\$655</u> |
| 1 de Dez. ^{bro} de 1839 | o abono de Fran. ^{co} de Campos Alf. ^e da m. ^a fr. ^a | | |
| nesta V. ^a | | | |

Justara para o S. Miguel. Só pagou em Dezembro. E foi comprar a dinheiro noutra parte. O negociante apontou. E' o verbete de identificação do cliente, do que, muitos anos depois, os Bancos se haviam de servir em larga escala. E' que às vezes... De uma, por exemplo, um espertalhão manhoso, de Balazar, entrou no estabelecimento e comprou burel, saragoça, pano para o capote, tudo na importância de 9\$025. Quando ia a pagar, só entregou 2\$400. Isto em Dezembro. O comerciante assentou a conta com o seguinte NB: «Esta fazenda fez-selhe a conta p.^a a pagar logo — e depois mandou sentalla quando haija m.^{ta} demora deve-se fazer outra conta em razão de se não ganhar

nada nesta fazenda — P.^r ser Sabado não se fez outra conta em reção do barulho — sendo p^r 2 mezes esta conta — sendo p^r 6 m^{es} dara mais 600 q^c soma 4\$000 em toda esta conta».

Boas contas se deitam... Vejamos os pagamentos. A compra foi feita em 17 de Dezembro de 39. Dos 9\$025, o homem pagou logo 2\$400. Em Fevereiro de 40 entregou outros 2\$400, em Junho 1\$500, e só concluiu o pagamento em Outubro...

É por isso que se chamava a atenção:

«N. B. Ficou de dar 5\$000 breve — não deve haver des Mazello com esta dívida em reção de ser pobre (era um rapaz de Corvite, filho da viúva de um moleiro, que fôra à loja com o alfaiate da freguesia) e o Alf.^e não me dezenganar.»

Cuidado, sim. Mas, lá vem lançado: «Dinr.^o de huma Conciliação a q.^c não apareceu \$720», o que foi engrossar os 10\$170 da dívida... Não apareceu à conciliação, mas, passado tempo, com a fazenda do capote, já depois de molhada pelo alfaiate, para fazer a obra. Pois abateu-se-lhe a fazenda e com demoras e prazos atamancou o pagamento da conta. E' que era pobre...

E dava prazos largos — 1 ano, mesmo, com pagamento de metade ao fim dos seis meses. Justavam de pagar na Páscoa, no Natal, no S. Miguel.

Aqui está, noutra conta de 21\$480, a letra e o ajuste: «Justou de pagar dentro d'hum anno — e p.^a verdade assignou aqui — (a) Jozé Frz d'Araujo».

Se não cumprissem no tempo do ajuste, pagariam mais um tanto, determinado e previsto:

S. Miguel de Creixomil

Julho 13 D.^e o Snr. Antonio Joze Peixoto solteiro

e seu Mano J.^e Lopes Peixoto

Oleiros da Rua da Cruz da Pedra

4 de cotim p.^a calça 650 2\$600

4 d d 600 2\$400

1 corte de Seda 1\$300

1 d cazim.^a 1\$250

7\$550

Recebi logo 2\$400

5\$150

Justarão d' pagar esta fazenda no
fim d'Ag.^{to} e faltando a este
tempo darão mais 100
d' Cotim e 100 de Colete
e p.^r berdade asignarão

(a) Antonio Joze Peixoto

(a) Joze Lopes Peixoto

Os abonadores, quando os havia, assinavam tam-
bém e até nos aparece uma assinatura em cruz.

Às vezes os coitados bem tressuavam, mas já não
podiam mais, porque a vida se lhes tornara cada vez
peor. E então, o comerciante perdoava: "Dinheiro
que lhe perduei" ou "Perduou-se-lhe" — e lançava no
livro conscienciosamente a quantia do *perdão*.

Vinham com objectos para empenhar — "uma ne-
cessidade premente, só se queriam haver com homem
capaz, era grande fineza...".

Tal Rosa Maria, de Gondar, trouxe as argolas:
levou 2\$400. Voltou e levou mais 480. Tornou a vol-
tar, e levou ainda 140. Depois, comprou uma vara
de pano cru, bom, e deu mais algum dinheiro. Pagou
um bocado da despesa e o comerciante deixou-a levar
as argolas, confiando no pagamento do resto, o mais
importante da conta. Na verdade, uma lavradeira sem
as ricas argolas pendejolantes até nem pode já tra-
balhar. E' que nem migalha lhe descia aos gorgo-
milos...

Outra era com os bolêtos dos enjeitados.

| | | | |
|---------------------|---|-------|-----------------------|
| 1839 | Comprei hum Buleto de hum | | |
| Ag. ^{to} 1 | enjeitado a Ant. ^o Luíz e ni. ^{er} Jozefa | | |
| | Maria do Miradouro — | | |
| | Souto dos Mortos — Sendo | | |
| | o buleto de | 5120 | p ^r 2\$560 |
| | Idem a João de Freitas e m. ^{er} M. ^a | | |
| | Victoria lug. ^r de Traz Gaia | 10000 | p ^r 5\$000 |
| | Idem a M. ^a Roza solteira da | | 7\$560 |
| | estrada nova | 7565 | 3\$600 |
| | Idem outra | 26670 | 8\$000 |
| | Idem | 3565 | 1\$200 |
| | | 52710 | 20\$360 |

Homem austero e severo, de moral rígida e ríspida, económico, atilado, activo — tôdas estas qualidades, com seus inerentes defeitos, estão vinculadas na letra e ordenação dos lançamentos no *Borrador* —, devia ser necessariamente de bom coração. Ainda o sentimos palpitar nas páginas mortas dêste velho livro, cujas letras mais de meio século amareleceu, mas não deliu. Elas são um daguerreótipo nítido de psicologia. Os perdões, a facilidade nos pagamentos, a sua confiança generosa que muitas vezes o trouxe às voltas com a justiça em conciliações e demandas. A conciliação era para se ajustar nova e melhor forma de assegurar o pagamento.

| | |
|--|-----|
| Dinr.º de 1 conselho | 60 |
| Dinr.º de 1 Procuração p. ^a a conciliação | 200 |
| Dinr.º de 1 Memorial p. ^a a conciliação | 120 |
| Dinr.º de Citação ao Escr. ^{am} | 360 |
| Despeza | 180 |

Há outros lançamentos neste género: Ir à Póvoa (de Lanhoso) arranjar o embargo — 600; do requerimento — 200; do embargo — 350; p.^a uma procuração — 200; 1 requerimento — 120; agência do Procurador — 400; “dinr.º de 1 Avizo em Dezbr.º 15 que paguei ao official Luiz — \$050”; “despeza com hir fazer a com ciliação (a Fafe) — 400; com a com ciliação e certidão — 1\$200”; por outro “conselho” pagou \$040 — a citada fêz “huma obrigação para pagar os juros” . . .

Emprestava certas quantias e até sem juros. O António Branco, estudante, da Rua de Couros, era da sua simpatia. Êle tinha um casaco de pano bronzeado, que comprara na loja e pelo qual ficara a dever 1\$600. Pagou os 1\$600. Depois vinha pedir dinheiro emprestado — 960, 1\$440, outra vez 1\$440. Emprestava-lhos. E êle pagava. Nem ciscalha de juros. Honrado mercador e honrado estudante!

Os lavradores para as filhas e afilhadas mercavam as *roupinhas*: “3 ³/₄ de pano azul p.^a véstia de seu filho e roupinhas de sua filha — 6\$770”; dois lavradores — o homem e a mulher —, do lugar do Bom Nome, em S. Miguel das Aves, levaram 6 ¹/₈ de pano azul para

as roupinhas de suas filhas Antónia, Mariana, Joana e Maria — 9\$180, com 6 dúzias de botões — 1\$440, ficou por 10\$620 a despesa da prole feminina; outro: “3 de palmilha para as roupinhas da sua filha The-reza — 420 — 1\$620”...

Vieira da Costa era despachado. Ia, por vezes, a feiras — como à do S. Miguel, a Basto; e fazer compras, para o estabelecimento, a Barroso, ao Pôrto. Lançava nota do dinheiro que levava em prata, oiro — 6 peças q.º produzirão 45\$493 — e cobre, e do que por lá despedia em negócios. Assente era também o que ficava

| | |
|-------------------------|----------|
| Deixo em Cobre | 8\$240 |
| Idem — huma bolça cheia | — \$ — |
| Idem em prata | 134\$400 |
| 2 pessas em Ouro | \$ |
| Idem din.º mais | \$ |
| Quando fui p.ª o Porto. | |

O que se vendia no estabelecimento? Tinha um bom sortido de mercador: panos de várias qualidades — estampado, preto e azul; pano azul para calças, para capotes, para véstias de homem e vestidos de mulher; pano pinhão, roxo; pano da Covilhã; pano de linho, pano cru, pano de fôrro; lapim; ganga da Índia; casemiras; olanda, olanda fina, olanda de linho; veludilhos; duraque, duraque lavrado, duraque preto; paninho; nobreza — que era preferido pelo bom tom; saragoça, saragoça fina, saragoça baixa, saragoça caseira; pelúcias; cotim, cotim cerrado, dobrado, de linho, azul, verde; carapinha — preta e azul; lanzinhas; setins; burel; baetas — azul, clara, cravo, verde, preta, de pintas, crepe, de sêda; durante; sarjas; castorinas; bombasinas; borlinas; bretanhas; indianas; morins; metino chumbado e para fôrro; merinos; fustão; jardo e jardo caseiro; beitão e beitão inglês; flanelas inglesas; botões, retrós, torçal, alamares, fitilhas, entremeios, entretelas, enchumaços, linhas — “os aparelhos para o fato”; mantas, cobertores; guarda-sóis...

(Continua).

EDUARDO D'ALMEIDA.